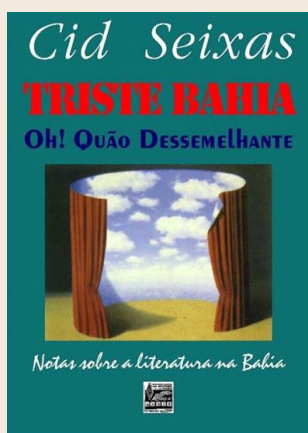

SOBRE TRISTE BAHIA OH! QUÃO DESSEMELHANTE



Triste Bahia. Oh! Quão dessemelhante. Notas sobre a literatura na Bahia foi publicado em 1996 pelo selo Letras da Bahia, criado pela Secretaria de Cultura e pela Empresa Gráfica da Bahia \ EGBA. Com 248 páginas, a obra traça um painel parcial da literatura baiana, começando com ensaios acadêmicos sobre Castro Alves, o modernismo na região nordeste e a produção literá-

ria das gerações de 30 e 45. Inclui ainda textos que acompanham as publicações de autores baianos, no calor da hora em que foram escritos.

CID SEIXAS E A DUPLA VIA DA CRÍTICA

Francisco Ferreira de Lima

A crítica de jornal era prática habitual no Brasil até algumas décadas atrás. Tivesse grande ou pequeno porte — não importava —, o jornal havia que ter o seu crítico de rodapé, como então se dizia, sem o que não pareceria completo.

Essa difusão generalizada da atividade crítica, praticada as mais das vezes sem um mínimo da base cultural que tal exercício demanda, foi quiçá o aspecto preponderante do processo de decadência a que se viu submetida. Processo que teve o seu desfecho com a chegada de Afrânio Coutinho dos Estados Unidos, no início dos anos sessenta. Com seu estilo vigoroso de polemista, o mestre baiano decretou a morte para todo e sempre daquela famigerada maneira de ler obras literárias, uma vez que, segundo ele, em nada ela contribuía, pois não possuía elementos para abordar a obra literária com eficácia.

Em seu lugar, assim exigiam os novos tempos, viria a “crítica universitária”, a única legítima, assim se disse então, visto que sua autoridade procedia não da fama ou importância do crítico, como se dava naquela outra, mas sobretudo da demonstração “técnica” da leitura, a qual, para Coutinho, se traduzia na prática do *close reading*, o principal fundamento da teoria do *New Criticism*, corrente crítica a que se filiara por ensejo de sua viagem à América.

Não se pode negar o avanço dessas novas práticas. Sepultou-se, por exemplo, de maneira definitiva, o “achismo”, que definia o gostar ou não gostar do crítico, sem que este necessitasse explicitar as razões do seu gosto — ou do seu desgosto. Tornou-se bem mais difícil a partir de então dizer-se que tal ou qual livro era “uma das mais belas páginas de toda a literatura”. E também o seu contrário. Exigiu-se cada vez mais razões e demonstrações que justificassem tais assertivas. O resultado foi a produção de uma ensaística densa e penetrante, que pôs os estudos literários a par com os discursos mais rigorosos das assim chamadas ciências humanas.

Nem tudo foi tão perfeito, naturalmente. Sem falar no “psitacismo grafocrático” que contamina uma boa parte das teses defendidas nas universidades, as quais muitas vezes não passam de

um monótono encadeamento de citações, sem o que o trabalho perde a obrigatória feição “erudita”, a crítica desenvolvida na Universidade quase nunca expõe seu autor aos riscos inerentes à tarefa de julgar, visto que ele já definiu, *a priori*, por razões antes de tudo de gosto pessoal, o seu objeto de estudo. Confortavelmente acomodado, pois, pelas garantias que o texto escolhido assegura, o leitor acadêmico, qual um anatomista meticuloso, entrega-se prazerosa e sapientemente à dissecação do texto eleito.

O último romance do escritor já consagrado ou aquele outro do estreante só residualmente interessam à crítica universitária, pelas razões já apontadas.

Desbaratada e desmoralizada a leitura desenvolvida no jornal, o público viu-se entregue a uma espécie de orfandade crítica. Perdeu a mediação fundamental que o crítico promove entre obra e leitor, de um lado; e não se interessou pelo ensaio especializado produzido na Universidade, por outro.

Pode-se concluir, por conseguinte, que não era necessário matar uma para que a outra vivesse, já que ambas são práticas distintas de leituras. Mas a distinção que há entre elas — é importante marcar — não as faz excludentes, senão complementares, visto que uma pode contribuir muito com a outra.

Tais reflexões me vêm a propósito deste *Triste Bahia, oh! quão dessemelhante*, o mais recente livro de Cid Seixas. Crítico universitário refinado, com trabalhos de longo alcance, que abrangem as várias dimensões da teoria da linguagem, a poesia de Fernando Pessoa, sem esquecer as incursões pelo trovadorismo medieval ou a literatura brasileira contemporânea, Cid Seixas não dispensou, ao longo de sua carreira acadêmica, a intervenção crítica desenvolvida nos jornais. Nele, essas duas modalidades, ao contrário do que aconteceu no Brasil nos últimos tempos, estiveram fraternalmente unidas, como se uma fosse efetivamente o contraponto da outra.

Como se pode ver pelos textos mais antigos presentes neste livro, Cid Seixas dá partida à sua dupla atividade crítica de modo praticamente simultâneo, pois que sua carreira universitária tem início nos meados dos anos setenta. E tal aspecto oferece bons elementos para entender seu caminho de analista de literatura. Nessa mesma época, quando começa a publicar com alguma regularidade nos jornais, Cid Seixas como que redimensiona a modalidade crítica ali praticada. Ele substitui a ligeireza de que esta padecia por um denso aporte teórico, pondo assim o grande público ante as últimas discussões teóricas travadas na Academia.

Fortemente influenciado por Umberto Eco e pelos teóricos da Semiótica, Cid Seixas faz leituras, digamos assim, de vanguarda da principal produção literária da Bahia nessa época, tal como se pode ler, por exemplo, em “A semiótica aberta do *Abcre-obtido*” ou “Código II: códigos do presente”.

Vinte anos, algumas teses e duas centenas de textos depois, Cid Seixas se decide pela crítica regular e sistemática de jornal. Além de ler com a argúcia de sempre e a competência técnica que a experiência e a maturidade trouxeram, Cid Seixas continua a fazer avançar os parâmetros da crítica de jornal. Com uma diferença, porém. Agora já não se trata mais de citar os últimos teóricos, para atualizar os conhecimentos gerais da província, mas de sutilmente expor a sua própria teoria da literatura (e da cultura). É assim que vemos ao longo de muitos artigos, tal qual um trovador ou poeta palaciano desgarrado no tempo, Cid Seixas clamar pelo prazer do texto, por uma literatura que agrade e divirta, ao invés dessa que, pretendendo situar-se num plano “intelectual”, não passa de um discurso modernoso e entediante.

Acostumado a nadar contra a corrente, Cid Seixas quer, nada mais, nada menos, ver reinstalada a ludicidade da literatura. Não é tarefa pequena. Porque, quando se diz *lúdico*, se quer

dizer, *Eros* sobrepujando *Thanatos*, ou, em termos definitivos, a vida vencendo a morte.

Ao cobrar a dimensão de gozo que a literatura pode — e deve — propiciar ao leitor, como fizeram os poetas palacianos, Cid Seixas não está apenas apontando para o passado, mas sobretudo — e mais uma vez — para o futuro. E quanto mais trincheira crítica houver para fazê-lo, tanto melhor.

Salvador, junho de 1996

